Consciesi
REVISTA CIENTÍFICA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ITAPIRA

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

UMA ANÁLISE DO COTIDIANO ESCOLAR Á LUZ DO VIDEOCLIPE 'ANOTHER BRICK IN THE WALL'

Alessandra Gomes Varisco[1], Jefferson Tadeu de Godoi Pereira[2], Rafael Augusto Valentim da Cruz Magdalena[2]

1- Docente do Centro Universitário de Itapira – UNIESI e Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Educação da Universidade São Francisco – USF, *campus* Itatiba/SP, Brasil; 2- Mestrandos em Educação pelo Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Educação da Universidade São Francisco – USF, *campus* Itatiba/SP, Brasil.

Contatos: alessandragv@hotmail.com; jefferson.pereira@usf.edu.br; rafaelaugusto_geo@yahoo.com.br

RESUMO

Diante da sistematização do ensino e de como a educação influencia diretamente a percepção dos atores sociais envolvidos no processo social, propusemo-nos a pesquisar o cotidiano escolar, partindo da análise do videoclipe 'Another Brick in The Wall', da banda britânica de rock Pink Floyd. O objetivo é analisar como e o que mudou no cotidiano escolar atual em relação a poucas décadas atrás. Nossas análises verificaram que o desenvolvimento de um olhar atento aos pequenos detalhes do cotidiano que ocorre na instituição escola é um promissor ponto de partida para a realização de investigações que busquem compreender esta complexa rede de relações que ocorre entre os agentes que compõem a realidade escolar.

Descritores: Cotidiano Escolar. Alunos. Another Brick in the Wall. Educação de Massa.

Notas introdutórias

Dispondo o cotidiano escolar acerca de uma realidade destoante muitas vezes das legislações educacionais, nossa pesquisa partiu da análise do videoclipe intitulado 'Another Brick in The Wall', da banda britânica de rock Pink Floyd[1], cuja letra e tradução encontram-se disponíveis no sítio virtual https://www.vagalume.com.br/pink-floyd/another-brick-in-the-wall-traducao.html.

O objetivo é analisar como e o que mudou no cotidiano escolar atual em relação a poucas décadas atrás. Para tal, assistimos ao videoclipe e segmentamos algumas cenas

[1] Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=YR5ApYxkU-U [acesso em 08.06.17]

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

que faziam parte direta do cotidiano escolar nele refletido, analisando especificamente cada segmento, sempre em atenção ao todo.

Os resultados deram-se no sentido de que a realidade escolar faz parte do cotidiano e não podemos nos alhear à situação vivenciada. Com isso, é possível estimular os educadores a perceber que dentro e fora da sala de aula os alunos possuem vivências, bagagem cultural, que podem ser somadas à prática escolar para uma melhor compreensão do conhecimento.

Escorço do videoclipe

O vídeo faz parte do filme intitulado The Wall, de 1979, e se inicia com um grupo de garotos observando um trem repleto de crianças com as mãos para fora (a lembrar escravos) e com máscaras (a mesma imagem em todas), o que o faz lembrar de seu professor, empunhado com uma régua de madeira quando o chama.

A imagem dos alunos sem face remete ao cotidiano escolar como um todo, através da padronização de técnicas e comportamentos esperados pelas instituições escolares, desconstruindo a individualidade e o repertório cultural que cada aluno traz.

Após essa imagem/cena, o cotidiano escolar é desnudado ao aparecer os professores na sala dos professores aguardando o sinal para aula. Homens vestindo terno e senhoras de blusa e saia. Verifica-se a homogeneidade aparente nas ações observadas na cena.

Em continuidade a esta cena, após o toque para o início das aulas, os professores se dirigem às salas de aula, onde na cena em questão, estes estão posicionados de forma imponente, demonstrando a relação de poder que se pretende estabelecer.

Já em sala de aula, um dos professores aparece aplicando um exame e, ao rondar a sala, mais uma vez evidenciando uma posição de poder, zomba de um aluno (chamando-lhe de 'mocinha') que estava escrevendo poemas ("poemas, nada mais").

Esse mesmo professor, já no jantar em sua casa, acompanhado de sua esposa, recebia a repreensão dela com relação ao comportamento e à alimentação. Imagens entrelaçadas de tal cena e dos castigos infligidos aos alunos, como bater-lhes com régua de madeira no bumbum, remetem ao adágio de que o agredido se torna o agressor.

Após, aparecem os alunos, todos sem face, utilizando máscaras, marchando rumo a um aparelho que já os transforma em alunos esperados, adequados, já em suas carteiras escolares, impondo assim a homogeneidade aos indivíduos, os quais agora encontram-se dentro do padrão estabelecido.

Mais uma vez, a figura do professor é destacada como agende controlador, em meio às filas formadas pelos alunos, em que a figura do docente encontra-se no centro da imagem, evidenciando assim sua posição de poder sobre seus discentes.

Em resposta, os alunos vociferam, em paredes de tijolos, que não precisam de controle, destaca-se que os alunos encontram-se em um ambiente totalmente fechado por paredes, não havendo nem portas, nem janelas.

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

Em continuidade à cena anterior, o professor informa que haverá castigo para quem não comer a comida.

Uma das cenas mais chocantes talvez se retrate nas imagens que nos mostram alunos, caindo um a um, num gigante moedor de carne, gerando assim, aluno produto uniformes e coesos com as políticas empregadas pela escola.

Quase ao final, os alunos retiram suas máscaras e se revoltam, num barulho ensurdecedor, revirando as carteiras, quebrando os móveis da escola e, claro, os muros dela, com martelos (em uma sequência que lembra também o fascismo), culminando com o seu incêndio.

Como se tudo isso fosse um desejo reprimido (imaginação), o clipe volta a uma das cenas iniciais, em que o aluno protagonista é flagrado pelo professor com seu poema em mãos.

Análise do cotidiano escolar à luz do videoclipe

Esta música foi composta no momento em que a banda percebeu que o seu público não estava interessado nas mensagens e sim no show como entretenimento e que este interesse superficial e também capitalista era compartilhado com as gravadoras que exigiam cada vez mais exibições e produções. Referido videoclipe foi produzido no ano de 1979, sendo um protesto contra a rígida educação escolar, notadamente os internatos existentes na época, ficando evidente a crítica feita à prática do ensino bancário, que é burocrático e opressor.

A função da escola era padronizar os comportamentos dos alunos, não observando a individualidade e sua cultura; o que traziam para a escola era totalmente descartado, como uma massa cinzenta informe de projetos.

O que se percebe nas retratações do vídeo é que toda a construção histórica do indivíduo é descartada, desconsiderando assim o que Heller nos diz:

> O desenvolvimento do indivíduo é antes de mais nada – mas de nenhum modo exclusivamente – função de sua liberdade fática ou de suas possibilidades de liberdade. (HELLER, p. 22, 1970).

Ademais, aos alunos eram infligidos pesados castigos físicos e morais, como se a autoridade do professor jamais pudesse ser contestada ou, pior, debatida. A partir desta colocação, podemos criar um paralelo com o que ocorre com as chamadas verdades únicas, em que não há a possibilidade de contestação, ou mesmo a relativização e subjetivação por meio das inúmeras interpretações das situações do cotidiano. Neste sentido, Ferraço (2003) nos auxilia a refletirmos sobre tal temática, quando coloca sua posição quanto à posição defensiva que muitos no meio acadêmico adotam quanto aos questionamentos e novas perspectivas que surgem diante dos avanços da ciência.

Também é importante destacar o papel social do professor, segundo a representação que o vídeo em questão nos traz. Neste sentido, é importante trazermos a definição de Heller (1970) quanto ao papel social:

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

> A função "papel social" não nasce casualmente, nem do nada, mas resulta de numerosos fatores da vida cotidiana dados já antes da existência dessa função e que continuaram a existir quando ela já se tiver esgotado. (HELLER, p. 87, 1970).

Este se caracteriza como opressor e disciplinador, posição esta que é empoderada por expectativas de uma sociedade. Por outro lado, retrata-se a multiplicidade de papéis que o indivíduo é capaz de assumir, uma vez que a figura do professor não se caracteriza somente como agressor, mas também como agredido (cena da refeição em sua casa).

Todos os alunos eram 'tijolos na parede', pois são criados de forma igual, a partir de um mesmo processo e de um mesmo molde. As cenas aqui apresentadas caracterizam-se como uma crítica ao sistema escolar que busca a homogeneidade dos indivíduos. Assim é mais do que relevante trazermos as afirmações realizadas por Rockwell e Ezpeleta (1989), quando afirmam:

> A realidade cotidiana das escolas sugere que não se trata de uma relação fixa "natural", dada onde invariavelmente os professores e crianças que nela convivem interiorizam valores e conteúdos que os tornarão operários e cidadãos submissos. Ao contrário, trata-se de uma relação em contínua construção e negociação em função de circunstâncias determinadas. Nestas, entram em jogo interesses e histórias imediatas e mediatas da escola, povoado e dos sujeitos envolvidos. (ROCKWELL; EZPELETA; 1989; p. 58).

Em que pese a aplicação de castigos físicos ter se esvaído do cotidiano escolar, verifica-se um paralelo entre o molde relativamente antigo (do clipe) e o atual. Isso porque os desejos dos alunos não foram reprimidos; ao contrário, atualmente são mais concretizados. Assim como os alunos de décadas passadas sentiam desejo em se libertar de certas amarras, o aluno de hoje também sente o mesmo; e fica cada vez mais inquieto dentro da sala de aula. No clipe, o castigo também pode ser visto através da ridicularização do aluno que estava lendo o poema, ou seja, executando uma tarefa paralela em relação ao que estava sendo exigido. Este pequeno trauma passa a ser mais um tijolo no muro que é construído pelo indivíduo em seu cotidiano, este muro afasta o indivíduo do outro. Com a abundância tecnológica hoje existente, os professores deveriam sentir-se mais motivados a utilizá-las, pois eles acabam sendo estrangeiros digitais ante os alunos, já tão nativos nessa espécie de letramento. Isso é o consumo, que Certeau (2002) entende como as diversas "maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante" (CERTEAU, 2002, p. 39), fabricando comportamentos.

A motivação para que a instituição de ensino seja um ambiente prazeroso deve se encontrar não somente nos espaços intersticiais, mas também nos projetos concretos existentes no ambiente escolar.

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

Os professores estão acostumados à rotina, porém, ela é um elemento do cotidiano (PAIS, 2003) e, como tal, presta-se à ruptura, devemos "converter o cotidiano em permanente surpresa" (PAIS, 2003, p. 26). A rotina pressupõe sua transgressão para que as experiências sejam vivenciadas ricamente. Os alunos percebem a necessidade de transgressão e utilizam táticas para se manterem no círculo social alienante e inclusivo.

No clipe, após a humilhação, o aluno Pink é repreendido para esquecer os poemas e voltar ao trabalho. É possível abordar Certeau (2002), pois o aluno lendo o poema é uma **tática** (astúcia) para burlar a **estratégia** imposta pela escola. Ao desprezar o poema e repetir a lição, o professor elimina o sujeito. O Professor não dá voz ao aluno e a importância de escutar o outro, simplesmente repete a **estratégia** imposta pela instituição escola e não se apropria de nenhuma **tática** (astúcia) para contrariar a estratégia vigente. Se a escola é reprodutora do Estado e os professores são reprodutores do Estado, como é que ficam os professores que não se sentem reprodutores?

Pais (2003) afirma que, na Idade Média, a Igreja admitiu a existência do zero, do vazio e, com isso, o mundo qualitativo transformou-se em quantitativo (o que é paradoxal para uma instituição religiosa, que se baseia na fé); só há sentido em algo lógico, quantificado. Por tal, os alunos devem ser medidos, não avaliados, pois as notas e os comportamentos esperados devem corresponder a um padrão.

Enquanto é ridicularizado, o aluno Pink tem uma "alucinação" no qual vê crianças marchando em fila, entrando em uma máquina e saindo sentadas em carteiras, com uma máscara neutra cobrindo-lhes o rosto, a própria "alucinação" pode ser vista como uma **tática** (astúcia) do aluno para superar a **estratégia** imposta pela escola. Essa máquina é o ensino bancário, que elimina a identidade dos alunos, seu direito à curiosidade, à indignação e ao pensamento livre. Como numa produção industrial em série, eles são matéria-prima: atravessam uma máquina e se padronizam, destituídos de autonomia. Também são animalizados na sequência em que seguem em fila até cair num gigantesco moedor de carne. Não existe o ouvir o outro, enfatizado pelo Certeau (2002). As crianças não são ouvidas, não existe uma relação dialógica entre os membros da sociedade.

O aluno não passa de outro tijolo no muro. A escola é uma fábrica de onde saem crianças automatizadas e não pensantes, produzidas em larga escala e prontas para a manipulação do Estado. Os traumas com que Pink construiu seu muro são situações que podem acontecer com qualquer um num cotidiano líquido-moderno. Um processo que é cíclico porque é diário. O clipe mostra o processo que atinge a todos de formas diferentes e cotidianas, porém que resulta sempre em um grande muro de alienação.

Como pesquisadores, trabalhamos com o cotidiano escolar, nele estamos imersos: somos, nos próprios, tema de investigação. Lembramo-nos do memorial, registro de lembranças (neste caso, escolares).

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

É fato que os alunos, ao lerem qualquer material, lerão com seus olhares, seu conhecimento de mundo, a partir de suas vivências (FERRAÇO, 2003), tornando-se um outro sujeito, composto de vários sujeitos (BAKHTIN, 2006).

Conforme se posiciona Inês Barbosa Oliveira (2010), devemos ir contra o desperdício de não considerar a experiência social na escola, valorizando o presente e encurtando o futuro (e não o contrário), no que ela denomina sociologia das ausências, entrelaçando com a sociologia das experiências, pois é responsabilidade do presente a construção de futuros possíveis.

No clipe analisado, verificamos três tipos de violência que se entrelaçam no ambiente escolar, conforme apresenta Soraya Aparecida de Menezes Bezana (2012), quais sejam, violência à escola, na escola e da escola. De todas, talvez a última esta seja a mais marcante, pois a violência simbólica reduz o ser humano a um tratamento degradante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Próximo do final do clipe, os alunos se revoltam e quebram todas as amarras que os oprimiam. Trata-se de um cair-se em si mesmo para se ver na realidade a qual pertence. É o mesmo que se conscientizar sobre o mundo, dominando-o para não ser dominado, é expor-se perante os outros para derrubar o muro que foi construído.

Toda a cadeia organizacional das instituições de ensino trata o aluno como um projeto, preparando-o para o futuro, enquanto o presente é alheado, em que o que se observa perante as políticas públicas adotadas na referida área, onde buscam o estabelecimento de uma educação de massas.

O desenvolvimento de um olhar atento aos pequenos detalhes do cotidiano que ocorre na instituição escola é um promissor ponto de partida para a realização de investigações que busquem compreender esta complexa rede de relações que ocorre entre os agentes que compõem a realidade escolar.

Sendo assim, o que se busca é que não nos façamos apenas ‘todos somente tijolos na parede”, mas sim reais sujeitos da complexa dinâmica de formação escolar, o qual deve objetivar não a padronização do pensamento, mas sim a promoção de uma educação libertadora, como nos sugere Paulo Freire.

REFERÊNCIAS

ISSN: 2525-9091 *versão eletrônica* *www.consciesi.com.br*

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: **artes de fazer**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa participante.** 2ª edição. São Paulo: Cortes; autores associados; 1989; p. 9-75.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. São Paulo: DP&A, 2003, p. 157-175.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a escola**. 4ª edição. São Paulo: Paz e terra, 1992, p. 17-110.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **Estudos do cotidiano e pesquisa em Educação: interfaces** com as narrativas autobiográficas na compreensão do potencial emancipatório das práticas educativas cotidianas. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; PASSEGGI, Maria da Conceição. *Pesquisa (auto)biográfica:* cotidiano, imaginário e memória. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 163-182.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações.** São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, Vivian Batista da. **Experiências, interpretações, compreensão e, quem sabe, reinvenções: notas sobre os sentidos dos textos das professoras**. In: NACARATO, Adair M.; GRANDO, Regina C.; SILVA, Vivian Batista da.(orgs.). *Nos bastidores de uma escola pública*: tecendo vozes dos autores... revelando cenas... produzindo olhares. Campinas,SP: Mercado de Letras, 2012. (p.7 – 89).

Os autores declararam não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.